

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Acarape

Maria José Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

O povoado de “Calaboca” passou à denominação de Acarape após o acontecimento abolicionista, quando sua vizinha deixou de ter essa denominação e passou a chamar-se Redenção devido ao fato pioneiro ali ocorrido. O Topônimo de Acarape é da língua Tupi “dos acarás”, com algumas variantes toponímicas, uma delas segundo José de Alencar, em tupi-guarani significa “Rio das Garças”, por ser numerosa a presença delas por ali.

A distância entre Redenção e Acarape é de apenas três km, percurso muitas vezes feito a pé por moradores de ambos lugares. Pertencia ao município de Redenção conseguindo emancipar-se politicamente em 15 de abril de 1987. É também margeada pelo rio Pacoti que favorece toda região.

O vale do Acarape era repleto de propriedades rurais agrícolas onde o algodão e a cana de açúcar se destacavam. Nos engenhos e alambiques eram fabricados açúcar e cachaça de boa qualidade.

Acarape era uma comunidade com movimento econômico, através de seus sítios e engenhos, fábricas de beneficiamento de

algodão (Ceará Cotton e Bezerra Lima) e de arroz (Apolônio Sales), e os dois maiores orgulhos local e regional, a Usina Cariri produtora de açúcar, e a famosa Estrada de Ferro.

Os canaviais eram abundantes. Na época do corte de cana, quando os proprietários de canaviais que não tinham engenhos, mandavam sua produção para a Usina, num movimento constante de burros e caminhões carregados de cana para ser transformada em açúcar. Era uma festa!

A Estrada de Ferro de Baturité (Rede Viação Cearense), impulsionou o então lugar. Iniciada na capital em 1870, passaria pelo Calaboca seguindo para Baturité. A inauguração aconteceu em 26 de abril de 1879 e foi fator de desenvolvimento para o povoado ocasionado pela chegada de funcionários da RVC, comerciantes, e a alegria da população ao ouvir o apito da Maria Fumaça, o trem suburbano que ali fazia parada e seguia a procura do Baturité. Facilitou o fluxo da economia local e de toda região do Rio Pacoti, cuja nascente se dá no Maciço.

O rapaz e o mendigo

Inacio Xavier
inacioxaversn@gmail.com

Por muito tempo, quando ia ao trabalho, pela manhã, via um mendigo sentado na calçada, pedindo esmola. Não pedia, era só estender a mão e era depositado alguma moeda na panelinha.

Era um mendigo muito simpático, mas muito esperto, no sentido de observar. Mas a vida vai passando, outras responsabilidades.

Mas o tempo passa e o rapaz casa, tem filho no colégio. Já não podia contribuir com o mendigo, os valores diminuíram e quando não tinha mais condição de contribuir, não podia tirar comida da boca do filho, parou de dar esmola ao mendigo. Pesou!

Decidiu não mais passar perto do mendigo, mudou de rota, escolheu outro caminho.

Mas o mendigo era um ser andante, moribundo, estar em qualquer lugar, um dia tá aqui, outro dia tá acolá, sempre mudando, maltrapilho.

Num dia de manhã, tempo fechado, parecendo que vai chover, tá lá, sentado em um canto da calçada, e levanta a panelinha para alguém colocar uma moeda. Levanta os olhos e percebe que quem estava contribuindo era aquele rapaz lá de trás, que desapareceu.

E um dia, o mendigo o abordou, quis saber o que aconteceu, porque ele mudou de rota, não era pelo dinheiro, pois ele era uma pessoa muito atenciosa. Marcaram um encontro, um momento, ali mesmo, na rua, para conversarem.

O mendigo ouviu a história com bastante atenção. Porque o rapaz dava esmola de coração, gostava de ajudar. Mas a crise foi aumentando e teve que escolher um lado para contribuir, escolheu a família.

O mendigo disse: “Olha, tudo que você me deu, foi por amor e esse amor eu guardo. Eu não enterrei nem gastei a tua contribuição. Eu guardei no coração a sua atitude, mas o dinheiro que você me dava, investi, juntei e tive lucro. Agora, me dê seu pix, que eu vou devolver, porque, quem recebe de graça, também deve dar de graça”.

E foi assim. De repente, o mendigo some, mas o pix continua caindo na conta do rapaz, com uma mensagem: “Eu estou aqui, continuo perto de você, você não me vê, mas eu te vejo”.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Abismo número 1: Liberdade

Carlos Henrique
Ex-Correspondente O POVO

O rapaz esperava para atravessar a rua, sinal verde para os carros, viu o seu reflexo no vidro de um que passava e por um segundo não reconheceu a si mesmo. Não teve orgulho, não pensou, somente viu a sua imagem como quem observava um externo a si. Enquanto caminhava para a entrada, um colega conversava com ele, essas conversas eram boas, o faziam se sentir vivo, percebido, lembrado, mas daquela vez ele não estava prestando atenção.

Estava pacato e pensava em quão cansativo seria o dia, não por causa das matérias, mas sim pelos diálogos rasos e sentimento de exclusão contínuos.

No mais, o dia ocorria como de costume. Tiveram que mudar de sala. Uma das meninas mais carismáticas disse “Esperem, não quero ir sozinha”. O rapaz hesitou, mesmo sabendo que não era da sua companhia que ela se referia, dizendo, “Mas todos já não estamos?”. Aula de biologia, hoje eram aves, havia a imagem de um gavião-real em seu livro, e ele imaginou o quão bom deveria ser viver como um, livre, desejou reencarnar, se é que isso existe, como um pássaro na próxima vida. Mas logo ficou temeroso de voltar como um pardal, ou pior, um galo que nem sequer de voar era capaz. Entretanto, almejou a liberdade de poder voar, ser livre e forte para caçar, sentir o vento no rosto, mas, a que preço? O de estar preso na própria ignorância? De não poder contemplar isso? Mas ele mesmo já não estará preso nela? Ou se achava superior ou ignorante demais a ponto de não perceber o abismo da sua ignorância e o abismo entre a liberdade e as prisões do tal gavião.

Logo se lembrou do reflexo que vira no carro, e percebeu que nele estava preso.

Esquecer teu brilho

Silva Queiroz
Ex-Correspondente O POVO

Que essas luzes me afoguem a esquecer teu brilho, que por tempos me mostravam o “certo”. Que eu me perca no errado e me encontre no justo certo, em uma boca qualquer, em braços quaisquer, e sem sentimento vou indo sem trabalhar mais com eles, e sim só com a razão, sei que com você vou me perder novamente.



A busca inabalável de querer

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Justificar o motivo de tudo. Fazia um tempo que eu não me sentia tão pra baixo, acho que “pra baixo” não é a expressão mais adequada, creio que seja mais esgotamento mesmo feat frustração.

Exemplo, a disposição da semana passada em comparação a desta está nas cucuias, e aí a frustração do tamanho de uma avalanche, que esmaga e esgota. O processo terapêutico tem me ajudado a lidar com essa montanha-russa de sentimentos, mas ainda

assim eis me aqui, tirando energia de onde não tenho para acalmar minha cabeça, pois não estou nem um pouco afim de ir à academia.

Tentei fazer um café e o dito-cujo queimou em parte, é brincadeira, me desce mais uma dose de frustração aí, faz favor. Respira fundo, faz aquele coque à la Violet Baudelaire e tenta um novo café.

Cá estou, abancada com olhos fixos para a chaleira mesquinho criança quando recebe presente.

Tem dias que só no outro mesmo, né assim que diz aquela frase feita? É o que tem pra hoje

A última dança

Edivânia Canja
Ex-Correspondente O POVO

Na penumbra do salão, a música suave, Dois corpos se encontram, um último enlace.

Olhos nos olhos, um brilho de saudade, movem-se juntos, em perfeita cumplicidade.

Os passos são lentos, o tempo parece parar, cada movimento, um desejo de eternizar. O mundo

lá fora, distante, esquecido, Só existe o agora, o momento vivido.

A melodia envolve, como um abraço terno, Corações batem juntos, num ritmo eterno. A última dança, um adeus silencioso, mas nos corações, um amor precioso.

Quando a música cessa, e o silêncio vem, ficam as lembranças, de um amor além. A última dança, um fim e um começo, um eterno laço, um sentimento imenso.

Vende-se uma família

Maria Cecília
Ex-Correspondente O POVO

O primeiro livro que me incentivou a tornar a literatura como hábito foi “Vende-se uma família”, da Socorro Acioli, que por sinal é cearense.

Não vou mentir, não conheço muitos autores nordestinos, mas assim que vi esse livro na biblioteca me encantei, a capa é um desenho de uma família na época do Brasil Colônia, nunca havia visto algo parecido.

Desse modo a história fala de 2 amigos - um escravo e seu senhor - que sofreram na escravidão no Brasil. Até que um dia a família de escravos é vendida e o menino vai junto, os 2 passam anos sem se ver e então os amigos começam uma jornada em busca de liberdade e de seu reencontro, cada um a sua maneira.

Além disso, nesse livro descobri um pouco sobre o Dragão do Mar e sobre a época de escravidão em Fortaleza, apesar da história ser fictícia tem algumas partes históricas que eu não sabia, e o livro é tão bem feito, a forma como a história é contada, suas reviravoltas, o aspecto das páginas que parecem envelhecidas, os desenhos ao longo do livro.

É tudo muito bem pensado, e te ajudam a ficar imerso na história, querendo saber como acaba.

Com isso, assim que terminei esse livro, comecei a procura histórias assim, da época do Brasil Colônia. Foi aí que conheci “Kindred: laços de sangue” da Octavia Butler. Apesar de não se passar no Brasil, não ser de uma autora brasileira (Octavia Butler também é importante, pois foi a primeira mulher negra a ganhar um prêmio de literatura) e a história ter um pouco de ficção, acaba sendo muito interessante, porque também tem algumas figuras históricas e te prende tanto quanto “Vende-se uma família”. Apesar das narrativas serem bem diferentes, elas tem uma coisa em comum, a escravidão e o que seu sofrimento trouxe a essas pessoas que vieram forçadas ao Brasil, que tiveram suas histórias apagadas e suas famílias destruídas. “Vende-se uma família” ainda tem um final feliz, que infelizmente muitas -se não a maioria- das famílias de escravos não tiveram.



Com o livro, descobri mais sobre o Dragão do Mar